

# Pensar a psicossomática

*Avelino Luiz Rodrigues\**

## Resumo

Propomos uma reflexão epistemológica sobre a psicossomática enquanto abordagem clínica da Interação Mente-Corpo em uma perspectiva biopsicossocial. Pensar sobre a psicossomática impõe-se situá-la, pois muitos autores tendem a apresentar a psicossomática como se ela se constituísse em uma concepção bem estabelecida e delimitada, quando verdadeiramente não o é, aliás, se apresenta como algo muito distante desta pretensão.

Como todo conceito situado na fronteira de diferentes saberes é impregnado e recebe diversos entendimentos e concepções, de forma que acabam se tornando e se mostrando verdadeiras Torres de Babel. Este mito pode ser usado, para ponderar, pensar, a dificuldade em delimitar o significado do termo *psicossomática*, que resultou em prejuízos em seu desenvolvimento, tanto em seu conteúdo teórico como prático, gerando inúmeros mal-entendidos que provocaram sérias e danosas repercussões na produção do conhecimento e na sua aplicabilidade clínica. A crítica, tão presente, sobre o dualismo é pensada e de como tão facilmente ela manifesta-se, bem como o necessário cuidado das intersecções epistemológicas. Recupera uma expressão de Freud da qual ele nunca abriu mão: a equação etiológica e que deveria estar na base do pensamento clínico em psicossomática.

**Palavras-chave:** psicossomática; epistemologia; biopsicossocial.

## Thinking psychosomatics

### Abstract

We propose an epistemological reflection on psychosomatics as a clinical approach to Mind-Body Interaction in a biopsychosocial perspective. Thinking about psychosomatics must be situated because many authors tend to present psychosomatics as if it constituted a well-established and delimited conception, when it really is not, in fact, it presents itself as something very far from this pretension. As every concept situated on the border of different knowledge is impregnated and receives different understandings and conceptions, so that they end up becoming and showing themselves to be true Towers of Babel. This myth can be used to ponder, think, the difficulty in delimiting the meaning of the term psychosomatic, which resulted in damages in its development, both in its theoretical and practical content, generating numerous misunderstandings that caused serious and harmful repercussions in the production knowledge and its clinical applicability. The

criticism, so present, about dualism is thought and how it emerges so easily, as well as the necessary care of epistemological intersections. It recovers an expression of Freud that he never gave up: the etiological equation, which should be at the base of clinical thinking in psychosomatics.

**Keywords:** psychosomatics; epistemology; biopsychosocial.

---

\* ORCID iD <http://orcid.org/0000-0002-7989-5980> URL [https://sites.usp.br/lsc/home/Universidade de São Paulo](https://sites.usp.br/lsc/home/Universidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo) ' Professor Associado Doutor do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. Médico especialista em psiquiatria pela AMB/ABP] Orientador de mestrado e doutorado no Departamento de Psicologia e do Núcleo de Neurociência e Comportamento (NEC) do IPUSP. [avelinoluizr@usp.br](mailto:avelinoluizr@usp.br) .

## Introdução

Podemos considerar que a palavra *psicossomática* e o que ela representa só foi possível ser enunciada após meados de século XIX, quando consegue construir um sistema conceitual que a abrigue, ou seja, torna-se um campo organizado de conhecimento e se constitui em uma disciplina, em seu sentido etimológico, do latim *disciplina*, conhecimento passível de ser ensinado, transmitido (Houaiss, 2001).

E para compreender como ela se constituiu em uma teoria científica, se faz necessário uma reflexão histórica desta mesma disciplina.

Esta será a tarefa a ser exercitada, sem o atrevimento de me fazer como um historiador mas, apenas com aquilo que sou, um profissional da saúde, professor universitário e pesquisador interessado em conhecer e compreender a psicossomática, suas formas de intervenção e, principalmente, a concepção da psicossomática enquanto abordagem clínica da Interação Mente-Corpo em uma perspectiva biopsicossocial, com suas possibilidades teóricas e práticas e a apreensão de suas contribuições no processo saúde-doença.

Adotaremos o vértice da epistemologia, conforme nos é oferecida por Japiassu (1976, 1986, 1981), pois ela nos permite aprender o conhecimento como um fato que pode ser estudado, em um processo de estruturação progressiva, no qual buscaremos registros em dados que já existiam anteriormente e independente desta episteme; sim, porque a psicossomática é uma evidência em si, do próprio processo de viver, e todos os grandes autores médicos de qualquer civilização a ela fizeram referência, ainda que não se utilizassem do termo, salientavam as interações mente-corpo e de como influenciavam o funcionamento do corpo biológico. Percorreremos este campo assim “como uma história que, aos poucos e incessantemente, faz-nos captar a realidade a ser conhecida” (Japiassu, 1986), tendo em mente o alerta, deste mesmo autor: “os conhecimentos não são considerados construções autônomas e individuais, mas atividades sociais, inseridas num determinado contexto sociocultural (Japiassu, 1986).

Um dos objetivos, senão o principal, é fornecer ao leitor, estudante e profissional da área de saúde, um exercício reflexivo de pensar sobre o pensamento da psicossomática, de uma perspectiva, neste momento, epistemológica, para melhor conhecê-la e propiciar ao leitor conhecer, apreender sobre o que estamos refletindo e comunicando, assim viabilizando a emergência de um sujeito epistêmico; para isto necessita-se de um método intencional e organi-

zado que permita uma evolução processual e progressiva deste sujeito epistêmico, cada vez mais amplo e profundo, de um saber que propõe uma problemática própria com um campo específico de investigação.

Isto posto, verifica-se com relativa facilidade que textos sobre psicossomática em muitos e diversos ambientes, tanto clínicos, como proeminentemente acadêmicos, tendem a apresentar a psicossomática como se ela se constituísse em uma concepção bem estabelecida e delimitada, quando verdadeiramente não o é, aliás, se apresenta como algo muito distante desta pretensão.

Como todo conceito situado na fronteira de diferentes saberes é impregnado e recebe diversos entendimentos e concepções, de forma que acabam se tornando e se mostrando verdadeiras torres de babel.

Na busca de nossos objetivos citaremos, também, diversos autores, sendo que alguns, não obstante as suas importantes contribuições, muitas delas fundamentais, pouco ou nada são conhecidos em nosso meio.

George Liberman Engel (1913–1990), proeminência histórica e referência fundamental na construção do conhecimento em psicossomática, infelizmente, e de maneira pouco compreensível, praticamente desconhecido em nosso meio, proferiu uma célebre conferência na *Royal Society of Medicine*, cujo título era: *The Concept of Psychosomatic Disorder* (Engel, 1967). Naquele momento, de forma extremamente pertinente, nos alertava que existem tantos conceitos de psicossomática quanto conceituadores, o que evidentemente contribui ao modelo da Torre de Babel. Ou seja, muitos conceituadores possuem a sua própria ideia sobre psicossomática, e o mais enganoso e perigoso, a toma como a verdadeira e única e quando a apresenta, o fazem de forma a induzir os leitores de que a sua noção sobre a psicossomática é a verdadeira e universal e, o pior, dificilmente explicitam sobre o que concebem a respeito da psicossomática.

Desta forma, o mito da Torre de Babel pode ser usado, para ponderar, pensar, a dificuldade em delimitar o significado do termo *psicossomática*, que resultou em prejuízos em seu desenvolvimento, tanto em seu conteúdo teórico como prático, gerando inúmeros mal-entendidos que provocaram sérias e danosas repercussões na produção do conhecimento e na sua aplicabilidade clínica. Afirmaríamos, contribuíram para uma perda significativa de respeitabilidade e confiabilidade no meio científico; claro, existem muitos outros motivos, como importantes deficiências metodológicas em suas pesquisas e desvios em sua própria concepção de teoria e prática de saúde, que abordaremos em outras oportunidades.

Vamos explicitar o porquê de utilizarmos este modelo, no sentido do mito bíblico presente no livro do Gênesis, capítulo 11; a Torre seria construída com a pretensão de se alcançar o céu. Em seu sentido simbólico, buscava-se que a dimensão humana e a divina se encontrassem (Kriwaczek, 2018), e que, portanto, os conduzissem ao paraíso; em suma, uma expressão de sentimentos de **vaidade**, de **ambição**, de **soberba** e de **poder**. Em assim sendo, segundo o mito, em seu caráter trágico, Deus, contrariando com tal manifestação de onipotência do ser humano, instituiu uma grande confusão ao produzir diferentes idiomas criando, desta forma, grande dificuldade na comunicação entre os homens e, por consequência, impedindo a obtenção do objetivo mágico inicial. Então, em nossa perspectiva, o que o mito nos ensina é que a técnica e a ciência devem ser utilizadas para produzir consciência, o que possibilita novas percepções, elaborações, novos aprendizados e, portanto, novos conhecimentos e liberdade em pensar e não como ferramenta de competição ou vaidade. O “efeito Torre de Babel” resulta da confusão epistemológica e operacional que a aplicação de alguns conceitos muito abrangentes e mal delimitados acabam por produzir um discurso sobre o nada, pois acabam esvaziados de conteúdo teórico e prático.

Neste mesmo vértice, vale citar Japiassu (1983, p.13):

Creio ser profundamente lamentável o fato de existir, tanto na história da filosofia quanto na das ciências, uma série de portosseguros aos quais os muitos cientistas e filósofos se agarram. Ora, quem acredita em certas verdades científicas ou filosóficas como se elas fossem um porto seguro esconde, no fundo, um medo básico não superado e uma angústia não resolvida. Melhor ainda, faz delas um mito.

No intuito de aventurar-se em compreender as dificuldades que a epistemologia da psicossomática nos evidencia e seus problemas conceituais, e indo além dos aspectos narcísicos e da angústia em suportar a incerteza, vamos desenvolver esta reflexão crítica na construção do conhecimento em psicossomática.

*Um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la* (Burke, citado por Parkin, 2021).

Nesta perspectiva, este texto não é um ponto de chegada, mas sim de partida e parafraseando Guimarães Rosa em “Sertão: Veredas” (1956), “*O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia*”. Em nosso caso, o real pode ser entendido como conhecimento (1956, p. 86).

Hanna Segal (1982) em seu texto denominado “Psicanálise e Liberdade do Pensamento” procurou demonstrar como é difícil alcançá-la. Lembra que as ideias de Copérnico, Galileu, Darwin e Freud encontraram fortes resistências. Na mesma linha Eksterman (1968) assegura, “*o ser humano é naturalmente curioso, ansiando por mais consciência, embora ambivalente em relação a ela e se embotando com frequência*”. (p. 287)

Durante milênios foi impensável que a terra girasse em torno do sol, mas Copérnico não se curvou a esta crença, no entanto só concordou com a divulgação de suas descobertas pouco antes de sua morte, pois temia a reação da igreja. Algo semelhante ocorreu com Galileu Galilei, que foi levado a julgamento preso e condenado a rejeitar publicamente suas ideias, sendo que seus livros, portanto, suas ideias científicas, foram incluídas no *Index Librorum Prohibitorum* e censuradas pelo Santo Ofício pois concordavam com a teoria heliocêntrica de Copérnico e afirmavam que a terra gira sobre o seu próprio eixo. Estas descobertas puderam ser confirmadas com base em evidências e demonstradas pela astronomia, a física e a matemática, mas eram incompatíveis com as crenças religiosas sobre o lugar de Deus e do homem no universo.

Com Darwin e a teoria da origem das espécies, não ocorreu diferente, não obstante tenha lançado luz sobre a vida, o papel e a função do homem no mundo, tornando impossível compreender qualquer fenômeno da vida sem suas ideias. Foi duramente atacado e ironizado por tentar demonstrar que o homem não era a imagem e semelhança de Deus, mas que é o resultado de uma longa evolução das espécies.

A terra não é o centro do universo e o homem não corresponde à imagem e semelhança de Deus; por fim, Freud demonstrou que o homem não é dono nem mesmo de sua própria casa, pois o psiquismo humano é, em muito, determinado pelo funcionamento do inconsciente; distante, portanto, das deliberações ditadas pela razão e pela consciência. Estas descobertas feriram profundamente o narcisismo humano e, além disto, foram ferozmente rejeitadas até porque enunciavam pensamentos antes impensáveis.

Na psicossomática, como representação da abordagem clínica da interação mente-corpo em uma perspectiva biopsicossocial, aparentemente, só aparentemente, algo bastante distinto acontece: suas ideias estão presentes desde a Grécia Clássica, V e IV século a.C., o momento da história onde e quando se assentaram os pilares da forma de pensar da civilização ocidental (Russel, 2001).

No entanto, o conceito de unidade psicossomática, evidência do próprio processo de viver, já se instaura e se estrutura em um pensar o ser humano, em um raciocínio dicotômico, ou seja, a divisão de um conteúdo em duas partes, próprio da dialética platônica (Abbagnano, 1982): corpo e mente como entidades separadas, da dicotomia entre a natureza e cultura. Procurarei demonstrar, sendo um dos objetivos deste manuscrito e de outros que se seguirão, que nas questões mente-corpo tal dicotomia permanece até os dias de hoje.

Interessantemente ou não, pois é humano, este raciocínio dicotômico é profusamente criticado em muitos e diferentes autores; mas, se examinarmos estes mesmos textos através de um pensamento crítico, perceberemos que esta racionalidade está presente e tão profundamente enraizada que a grande maioria daqueles que enunciam o discurso antidualista não percebem o quanto suas próprias ideias estão profundamente impregnadas pelo dualismo, ao defenderem a noção de doença ou sintoma psicossomático (Rodrigues, Almeida & Magalhães 2020); são intrinsecamente dualistas sem se darem conta deste inequívoco fato.

A psicossomática se é uma noção intuitiva, uma evidência do próprio processo de existir, como já afirmamos acima, não é em absoluto algo simples, mas um conjunto complexo de saberes, práticas e intervenções. Em última instância, ela coloca o ser humano como objeto de ciência em uma tentativa de construção de um objeto antropológico, diretamente conectado ao processo saúde-doença. Podemos até afirmar que busca os aspectos humanos do processo de adoecer. Trata-se, portanto, de um campo complexo porque está envolvido em todos os aspectos da vida e do viver e, por consequência, nos coloca em dificuldades; obrigatoriamente compreende ordens epistemológicas distintas –da biologia, das ciências humanas, como a psicologia e das ciências sociais - e adotar uma pluralidade discursiva para dar conta destas diversidades epistemológicas, por que se defronta com fenômenos que se expressam de formas heterogêneas, que envolvem uma trama conceitual de discursos teóricos. Tendo que cada qual com métodos, práticas e instrumentos que lhes são próprios e que não podem ser reduzidos, submetidos ou transpostos de uma ordem para outra. Desta forma, impõe uma especial atenção a (des)ordem epistemológica de um discurso fronteiro (Nolasco, 2016), até poderíamos aventar uma epistemologia desta ordem, a fronteira; sem uma relação de subalternidade, mas um pensar a partir das margens, de uma interlocução entre elas, do reconhecimento de interfaces, e da identifica-

ção e experiência de territórios. Isto exige todo um cuidado com a “intersecção epistemológica”, na qual o imperativo é evitar a aplicação de conceitos específicos de um campo de conhecimento na compreensão de fenômenos de outro campo. Exemplificando: a tentativa de verificar, compreender, enfim abarcar o fenômeno mental utilizando-se do vértice da biologia. Da biologia, espera-se observar o fenômeno concreto, as células, os tecidos, os órgãos e sistemas, que serão estudados por meio de técnicas e instrumentos próprios e adequados da bioquímica, da histologia, enfim da anatomia e da fisiologia, através de instrumentos como os microscópios, exames laboratoriais e de imagem; da psicologia, espera-se o processo, o representacional, o simbólico, o imagético com seus sentidos e significados. Cada qual situado em seus territórios e delimitados por suas fronteiras. Sim, há fronteiras e devemos levá-las em consideração, caso contrário retornaríamos ao cenário do mito da Torre de Babel, mas a presença de fronteiras disciplinares não significa encarceramento.

Mas este fato “não nos impede de observar e pensar sobre os pontos de intersecção – do discurso e do diálogo fronteiro - entre os interesses dos cientistas sociais, do psicólogo e da neurociência” (Tenenbaum, 2020); apreender as inter-determinações, que se fazem entre a estrutura e seus processos e as possibilidades das respectivas interlocuções. Estes pontos de intersecção são importantes, ainda que no campo teórico das ciências, pois não há como desconsiderar o caráter coletivo da construção do conhecimento científico (Martino, 2017) e na compreensão do ser humano no seu processo de viver, inclusive de adoecer.

Neste sentido, voltando a utilizarmos de Engel (1967), certamente a psicossomática necessita do seu Charles Darwin que dará início ao equivalente psicossomático da viagem do Beagle. Suas observações se estenderam por diferentes disciplinas, sendo cada uma delas pertinente aos seus próprios objetos e metodologias, não como fins em si mesmos.

Bastante diferente do que acontece na contemporaneidade no campo da psicossomática, em que os referenciais ou afirmações de veracidade são proclamados como determinantes fundamentais e únicos de cada vertente ou campo disciplinar, o que conduz a desvios, posturas e condutas iatrogênicas. São, com frequência, pregações de um remédio miraculoso dos padecimentos humanos (Eksterman, 1994); no fundo, criações míticas que comprometem a possibilidade de pensar e produzir consciência.



O Darwin psicossomático terá que seguir o mesmo percurso. Terá que circunavegar o universo da saúde e da doença, tomando nota dos fenômenos em termos de epidemiologia, ecologia, antropologia, sociologia, teoria da informação, etologia, psicologia, neurociências, fisiologia, bioquímica, patologia, genética e assim por diante, mas sem comprometer-se com alguma disciplina em particular (Engel, 1967). O autor proclama, entre outros conteúdos, que esta forma de abordagem nos protege e serve de barreira a raciocínios reducionistas, sejam eles sociogenéticos, organogenéticos ou psicogenéticos, que nos dificultam de observar e compreender o ser humano como um ser biopsicossocial – psicossomático.

Devemos reconhecer, não obstante a angústia da incerteza, neste momento, que nos falta qualquer teoria baseada em fatos bem documentados e cuidadosamente ordenados, o que tem mantido este campo fragmentado e dividido, diria, até mesmo *sub judice*. Muitas tentativas de formular uma teoria geral foram baseadas em fatos antigos que receberam novos nomes e grande quantidade de especulação. E, em geral, reducionistas, quase que exclusivamente ligadas aos aspectos e conteúdos psíquicos e não humanos e antropológicos, e, devemos realizar a constatação dolorosa, à custa de feridas narcísicas, para nós profissionais *psi*, de que temos de renunciar ao raciocínio linear das teorias psicogenéticas.

Voltamos a destacar Tenebaum (2020, p. 21)

“A busca pelo transtorno psicológico fundamental gerador de cada enfermidade, vem sendo realizada por todo autor psicanalítico, desde Freud e alcançou o seu ponto máximo na sistematização elaborada por Lacan, Franz Alexander (1933 – 1950), Flanders Dubar (1954), Feliz Deutsch (1922), Pierre Marty (1983) e Peter Sifneos (1983), sobre os fenômenos psicossomáticos”.

Ou seja, na já desgastada e cansativa fórmula, frequentemente iatrogênica, da “busca pelo transtorno psicológico fundamental gerador de cada enfermidade”. (Tenenbaum, 2020, p. 21).

Equivalem a obtenção do conhecimento à aquisição de um vinho de boa safra, querem comprar o conhecimento e depois o bebem não para saboreá-lo, mas para se embriagar, ou seja, se alienar um pouco mais de uma vida já alienada (Eksterman, 2010).

Poucos são os autores, aliás raros, que se preocuparam em estabelecer qual é o real peso das funções psicológicas e de como se inserem no modelo da multi-

causalidade, como agente etiológico causal, desencadeante ou concomitante na determinação de fator de risco no processo saúde-doença. Vale lembrar que Freud (1895) introduziu uma expressão da qual jamais abriu mão: a equação etiológica (Winograd, 2007).

Este pensar o pensamento da psicossomática em uma perspectiva epistemológica, portanto, também histórica, nos permitirá adentrar e peregrinar no campo, ultrapassar fronteiras, nos colocar na interface, “como em uma história que, aos poucos e incessantemente, fazem-nos captar a realidade a ser conhecida” (Japiassu, 1986) assim visitando ou talvez revisitando algumas teses, fatos e acontecimentos deste imenso mundo da psicossomática que pretendemos apresentar, refletir e desenvolver, nos próximos e consecutivos textos.

## Referências

- Abbagnano, N. (1982). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Burke <https://www.britannica.com/biography/Edmund-Burke-British-philosopher-and-statesman>. Recuperado em 07 junho, 2022. Eksterman, A. (1994). Abordagem Psicodinâmica dos Sintomas Somáticos. *Revista Brasileira de Psicanálise* (1994), vol. XXVIII, nº1.
- Engel G. (1967). *The concept of psychosomatic disorder*. J. Psychosomatic Res.; 11:3-9.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva
- Japiassu, H. (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago
- Japiassu, H. (1981). *Questões epistemológicas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Japiassu, H. (1986). *Introdução ao pensamento epistemológico*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.
- Kriwaczek, P. (2018). *Babilônia: a Mesopotâmia e o nascimento da civilização*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Martino, L.M.S (2017). *Dimensões e limites da interdisciplinaridade nas Teorias da Comunicação*. C&S – São Bernardo do Campo, v. 39, n. 1, pp. 95-118.
- Nolasco, E. C. (2016). *A (Des)Ordem Epistemológica do discurso fronteiriço; Cadernos de estudos culturais, v. 8 n. 15: migrações*.
- Parkin, C. William (2021, 5 de julho). Edmundo Burke. *Enciclopédia Britânica*. <https://www.britannica.com/biography/Edmund-Burke-British-philosopher-and-statesman>
- Platão. (2019). *A Apologia de Sócrates*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro.
- Rodrigues, A.L., Almeida, N.A., Magalhães, B.P. (2020). Psicossomática ou de como o desvio virou norma. In Rodrigues, A.L. (ed.) *Psicologia da Saúde – Hospitalar: Abordagem Psicossomática*. Barueri, São Paulo: Manole Editora.
- Russel, B. (2001). *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A.
- Segal, H. (1983). *A Obra de Hanna Segal: uma abordagem Kleiniana à prática clínica*. Rio de Janeiro: Imago
- Severino, A.J. (2002). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez Editora
- Tenenbaum, D. (2020). *Schreber e Van Gogh: um estudo psicanalítico sobre a opressão interior*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Winograd, M. (2007). Disposição e acaso em Freud: uma introdução às noções de equação etiológica, séries complementares e intensidade pulsional no momento. *Natureza humana*, 9(2), 299-318. Recuperado em 04 de junho de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302007000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200004&lng=pt&tlng=pt)
- Parkin, C. William (2021, 5 de julho). Edmundo Burke. *Enciclopédia Britânica*. <https://www.britannica.com/biography/Edmund-Burke-British-philosopher-and-statesman>

Submetido em: 22-6-2022

Aceito em: 15-7-2022